

1º Lugar

Pseudônimo: EM SILÊNCIO

O MOVIMENTO DAS RUAS

Luiz Alberto dos Santos

prólogo

Está ao meu lado, e respira.

ato 1

Quando. Ela chovia naquela noite escura que caminhava aleatoriamente pela cidade. Mais um rosto estranho percorrido pelas ruas. Na noite, as ruas são autônomas, movimentam-se de forma própria, superpõem, redesenham, entrelaçam, transformam-se em tapetes mágicos para transportar os que repousam sobre a pelúcia das suas pedras. No bar, eu me entediava do meu entrosamento com as cadeiras. Cercado de sons e cadeiras. As cadeiras não se movimentam nunca, resignadas à sua condição passiva de objetos. Sua inércia é possessiva, seduz em direção ao estático. Eu me deixara levar pela sedução das cadeiras durante toda a noite. E agora queria sair. Fui me desprendendo das cadeiras (leveza etílica, vaporização onírica?) e comecei a flutuar a bordo de uma rua iluminada. As ruas têm o poder de gerar caminhos surpreendentes, de estabelecer configurações espaciais inusitadas. Foi quando eu a vi cavalgando com voracidade noturna a rua que se aproximava. O galope foi se dissolvendo, pouco a pouco, na dinâmica da flutuação: um e outro. Estávamos ali, observando o beijo das ruas que se encontravam. Constituíamos nós também um encontro?: quando.

ato 2

Alguém. O espaço é agora um microcosmo de pulsações suaves. As ruas ainda se movimentam, mas brandamente, mornas. Cada rua se ramifica num gesto, num deslocamento sutil de partículas aéreas. Me transporto nas suas linhas. Somos duas grandes cidades, cheias de curvas, veias e tráfegos secretos. Sou uma profusão de sinais luminosos (o vermelho tenta assegurar uma transição gradativa para um verde que se insinua com brutal volúpia). Nem sempre ela respeita sinais (ah, o seu dente na minha carne!). Avança sobre os limites que eu estabeleço, sem muita convicção, para as suas expansões. Ela me ousa.

ato 3

De manhãzinha a rua espera na porta para levá-la. Ela levanta devagar. Vai ao banheiro. Brinca com os presentes que eu dei para ela brincar. Depois um olhar. Some.

ato 4

O que é que eu faço com você?

O que é que eu faço com a sua ausência?

O que é que eu faço com a sua presença?

epílogo

As ruas descansam, extasiadas.

Eu ardo.



Ilustração: Ana América Antunes Rezende